

## OS CÍRCULOS DE MULHERES: REELABORANDO UM FEMININO NATURAL, SAGRADO E CÍCLICO

### WOMEN'S CIRCLE: REDISCOVERING A NATURAL, SACRED AND CYCLICAL FEMININE

**Raquel Guimarães MESQUITA**

<gmesquita.raquel@gmail.com>

Mestre pela Universidade Federal do Ceará (UFC), linha de concentração Gênero, Diversidade, Cultura e Pensamento Social, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, Ceará, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/2051235989856548>  
<https://orcid.org/0000-0001-9309-2263>

**Antônio Cristian Saraiva PAIVA**

<cristianspaiva@gmail.com>

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará-UFC, linha de concentração Gênero, Diversidade, Cultura e Pensamento Social, Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/2635234979088002>  
<https://orcid.org/0000-0001-6478-1297>

#### RESUMO

Na última década, no Brasil, percebemos a reelaboração da noção do feminino. Que feminino seria esse? Trato aqui dos chamados Círculos de Mulheres, que se caracterizam por representarem lugares seguros para a partilha e o fortalecimento pessoal de mulheres que buscam de forma coletiva uma reconexão consigo mesmas e com as demais. Como esses espaços tem colaborado para construir marcadores sociais sobre o feminino? Quais invenções e a partir de quais lugares esse feminino tem sido redescoberto e reconstruído? Nesse trabalho, buscamos entender, a partir de uma perspectiva qualitativa, como se deu essa reelaboração, a partir das reuniões dos Círculos, em Fortaleza, em 2019. Tomamos os Círculos de Mulheres como um Novo Movimento Religioso (NMR), sendo um momento em que a própria ideia de religião é reconfigurada, onde é possível promover a junção de várias referências do sagrado, numa espiritualidade fluida. Concluímos, por meio de observação participante, que diferente do que pautou o movimento feminista construtivista, nos círculos, o feminino é tematizado a partir de uma realocação do feminino no espaço da natureza, entendida como sagrada. Tal movimento caracteriza uma reinvenção tanto da natureza quanto da própria noção de feminino. A natureza elaborada nos círculos é uma natureza representada como poderosa e geradora de vida; que se manifesta a partir de uma perspectiva de tempo cíclico, com movimentos de vida-morte-vida. A associação entre natureza e feminino se liga também à capacidade criativa/geradora e à ciclicidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Círculos de Mulheres, Ciclicidade Feminina, Espiritualidade Feminina.

#### ABSTRACT

In the last decade, in Brazil, a movement has been developing around the feminine that re-elaborates the very notion of the feminine, but what feminine would that be? Here I am talking about the so-called Women's Circles, which are characterized by representing safe places for sharing



and personal strengthening of women who collectively seek a reconnection with themselves and others. How these spaces have collaborated to build social markers about the feminine, which inventions and from which places this feminine has been rediscovered and reconstructed. In this paper, we seek to understand how in the circles that gathered in Fortaleza in 2019 the notion of a natural, sacred and cyclical feminine was elaborated from the association between the cycles of nature and the menstrual cycle. We take the Women's Circles as a New Religious Movement (NMR in the Portuguese acronym), being an expression of a moment in which the very idea of religion has been reconfigured. Unlike the constructivist feminist movement, in these spaces the theme of the feminine is thematised from a reallocation of the feminine in the space of nature. This movement characterises both a reinvention of nature and of the very notion of the feminine. The nature elaborated in the circles is a sacred nature, powerful and generative of life, which manifests itself from the perspective of a cyclical time in which there is space for life-death-life movements. The feminine is associated to this nature, also linked to the creative/generative capacity and to cyclicity.

**KEYWORDS:** Women's Circles, Feminine Cyclicity, Feminine Spirituality.

## 1 INTRODUÇÃO

Na última década, no Brasil, vem se desenvolvendo uma movimentação em torno do feminino que reelabora a própria noção do feminino, mas que feminino seria esse? Trato aqui dos chamados Círculos de Mulheres, reuniões de mulheres (no geral, mulheres cisgêneros, lidas como brancas, das camadas médias urbanas) em que se busca uma reconexão consigo mesma e com as demais, mobilizando o sentido de resgatar um feminino natural e divino.

Esses espaços possibilitam um momento de partilha pessoal, de fala (e escuta) como também de celebração com danças, músicas e processos terapêuticos (como os Florais da Lua, o escalda-pés e a vaporização do útero). As mulheres que buscam esses espaços, no geral, estão em busca de uma cura para o feminino, cura essa entendida como uma cura para questões físicas (ligada sobretudo a processos ginecológicos que podem ir de casos de endometriose à infertilidade) ou ainda uma harmonização de relações com outras mulheres (como uma melhoria na relação com a mãe, por exemplo).

Em Fortaleza-Ceará, no ano de 2019, acompanhou-se cerca de seis círculos de mulheres, procurando entender como a partir das práticas desenvolvidas nesses espaços se reelaborava a noção de feminino. As mulheres envolvidas faziam associações do ciclo menstrual com as fases



lunares, recorrendo a livros especializados sobre o tema, a exemplo do Lua Vermelha: as energias criativas do ciclo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional, de Gray (2017). Além disso, era comum a referência ao que vem sendo chamada de Ginecologia Natural, que recorre a práticas tradicionais de cuidados ginecológicos, como chás, unguentos, garrafadas, dentre outros.

Era comum também a presença de diversas narrativas míticas e referências a figuras femininas de diversas religiões e culturas (Eva, Lilith, Maria Madalena, Nossa Senhora, Yemanjá, Oxum, Kali, Palas Atena, Afrodite, Hera, dentre outras) como forma de resgatar aspectos múltiplos de um feminino que historicamente foi associado a figuras dicotômicas como Eva x Lilith, a santa x a puta.

Nesse trabalho, discute-se como os Círculos de Mulheres, que se reuniam em Fortaleza-Ceará, reelaboravam a noção de feminino a partir da associação entre mulheres, feminino, natureza e sacralidade. Nesses espaços o feminino é algo sagrado, natural e cíclico e entende-se que os ciclos da natureza (fases da lua, estações do ano) e o ciclo menstrual tem uma relação de espelhamento. Para as participantes, o macrocosmo (natureza) e o microcosmo (ciclo menstrual) guardam essa dinâmica espelhada, de modo expressar uma íntima relação entre as mulheres e a natureza. Essa relação está baseada na capacidade de gerar vida e na ciclicidade (ou tempo cíclico), sendo estes os principais elementos encontrados como justificativa para essa relação.

A capacidade de gerar vida da natureza se encontra expressa no processo de crescimento das plantas e produção de frutos/sementes, já nas mulheres esse “poder” é expresso de modo material no sentido da capacidade de gerar vida humana, e de modo simbólico, na capacidade de gerar projetos pessoais para si próprias. Esse resgate de uma valorização da capacidade de “gerar vida” também reflete o perfil das participantes desses espaços, mulheres cisgêneros que por vezes se deparam com alguma questão relacionada à maternidade ou mesmo quanto à infertilidade.

Já a noção de ciclicidade denota um modo de ser e existir em que o tempo é organizado de modo circular, o que destoa da organização moderna do tempo, pensada linearmente, a exemplo do calendário gregoriano. O tempo cíclico (circular) seria o tempo da natureza, expresso nas



estações do ano e no ciclo lunar, ou seja, um tempo em que há uma mudança na paisagem física, ora um momento de exuberância (primavera/verão, fases crescente e cheia da lua) ora um tempo de carência (outono/inverno, fases minguante e nova da lua). O tempo circular indicaria uma possibilidade de estar no mundo em que é possível vivenciar diversos humores e sensações. Essa ciclicidade é associada a noção de feminino (enquanto a tempo linear é associado a noção de masculino), indicando com isso um modo de ser/estar em que é possível vivenciar as mudanças do corpo e das emoções, encontrando assim um espaço para acolher as transformações associadas à menstruação.

Herdeiros de uma tradição pagã e na esteira da Espiritualidade Feminina, os Círculos de Mulheres surgem como uma forma de resgate e atualização de mitos e narrativas que tem as mulheres como protagonistas de uma transformação de mentalidade, estando, dessa forma, associados ao que se comumente chamou de Religiões New Age, termo que se aplica às múltiplas camadas das espiritualidades contemporâneas fluidas e não institucionalizadas. Adotamos aqui a classificação de Guerriero (2006) que traz a noção de “Novos Movimentos Religiosos” como expressão guarda-chuva que abrange diversos tipos de movimentos, organizações, estudos e práticas, estando também ligado às ideias de desenvolvimento humano e cura (física e espiritual).

A pesquisa foi feita a partir de uma abordagem qualitativa, com pesquisa de campo realizada entre os anos de 2019 e 2020, em Fortaleza-Ceará, quando se acompanhou seis Círculos de mulheres, dentre outras atividades que giravam em torno da temática (cursos, imersões, workshops, dentre outros eventos). As idas à campo foram registradas em diário para posterior consulta, além de terem sido realizadas entrevistas em profundidade com as participantes dos círculos, por meio de plataformas virtuais.

Para este artigo, resgatou-se alguns registros do trabalho de campo realizado em um dos círculos que aqui foi chamado de Círculo das Caminhantes.

Nos círculos, observou-se que é comum a noção de que “o feminino” está ferido e precisa ser curado. É essa busca que mobiliza as participantes a se reunirem conjuntamente com o objetivo de promover essa cura para o feminino, que por sua vez pode estar associada tanto a uma cura física como a uma cura emocional ou espiritual. Essa cura é alcançada por meio de um processo



que envolve autoconhecimento e autocuidado, através de saberes e técnicas terapêuticas tradicionais e esotéricas.

## 2 O QUE SÃO OS CÍRCULOS DE MULHERES?

É difícil definir os círculos uma vez que eles se estabelecem em um cenário contemporâneo de uma espiritualidade extremamente fluida, sem dogmas ou hierarquias e onde é possível múltiplas colagens de crenças, mitos e narrativas, sem o monopólio de um guia ou instituição específica. Ainda assim, tentaremos traçar alguns contornos dos círculos de mulheres contemporâneos a partir dos trabalhos já disponíveis sobre o tema, bem como a partir da nossa própria experiência de trabalho de campo.

Os círculos de mulheres podem ser compreendidos, em um primeiro nível, como reuniões entre mulheres para escutarem umas às outras e compartilharem experiências e ensinamentos. Contudo, não se trata apenas de rodas de conversas. Há nesses espaços um objetivo mais profundo, procura-se neles uma “cura para o feminino”, cura esta que pode se expressar de modo físico, emocional ou espiritual. Essa noção de cura pessoal é um dispositivo que desencadeada uma reação mais ampla, em que a cura de uma mulher contribui para a cura de todas as mulheres e para a cura planetária, ou como escutei nos círculos: “-A minha cura é a cura de todas as mulheres”.

Essa dimensão de uma cura pessoal que se reflete em uma cura do planeta está expressa nos escritos de uma das autoras que serve como referência para as facilitadoras dos círculos, Mirella Faur. Romena de origem, mas morando desde 1964 no Brasil, Faur já escreveu diversos livros sobre a temática. É comum encontrar o livro “Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas: práticas, rituais e cerimônia para o Resgate da Sabedoria Ancestral e a Espiritualidade Feminina” compondo o altar dos círculos. Nesse livro, a autora traz uma espécie de definição sobre Espiritualidade Feminina. Para ela, essa expressão de espiritualidade pode ser entendida como um caminho para a expansão da consciência, com o resgate de práticas ancestrais de cura mantida por mulheres ao longo dos séculos e ocultada pelas religiões patriarcais, reafirmando tradições e valores femininos a partir de mitos, lendas e práticas nativas. Esse processo de resgate e valorização também implica uma busca pessoal por cura que impacta a cura do coletivo e a cura planetária (FAUR, 2011).



Para Morales (2014, 2015, 2016), que pesquisa Círculos de Mulheres no contexto mexicano, os círculos são um espaço de co-criação, desenvolvimento e aprendizagem, cumprindo então a função de uma ressocialização feminina, em que discursos são acionados e ressignificados, promovendo um empoderamento com base na experiência corporal e espiritual (MORALES, 2015).

Os círculos ou rodas, como também são chamados, podem assumir vários modos de se organizar. Alguns podem ser mais ritualísticos, com momentos de cura por meio de dança, uivos, gritos e cânticos, outros se assemelham mais a um grupo de estudos, alternando partilhas orais sobre a leitura de algum livro com exercícios corporais e práticas manuais, outros ainda podem adotar um viés terapêutico com banhos de ervas e escalda-pés ou ainda se apresentarem como uma mistura de tudo o que foi descrito até aqui, dentre outras tantas formas de se agrupar.

Como elemento comum aparece a centralidade da noção de um feminino sagrado, cíclico e ligado à natureza. Nesses espaços há a retomada da antiga noção que associa as mulheres à natureza, numa relação de espelhamento em que o microcosmo reproduz o macrocosmo. Eliade (2018) ao tratar da sacralidade da natureza cósmica, recupera essa noção de espelhamento entre mulher e natureza a partir do parto, “ [...] a geração e o parto são versões microcósmicas de um ato exemplar realizado pela Terra; a mãe humana não faz mais do que imitar e repetir esse ato primordial da aparição da Vida no seio da Terra” (ELIADE, p. 119, 2018).

### 3 METODOLOGIA

A condução dessa pesquisa foi feita a partir de uma perspectiva qualitativa, com base, sobretudo, no trabalho de campo presencial por meio de observação-participante e no registro escrito em diário de campo das atividades acompanhadas.

Em meados de 2017, por interesse pessoal, comecei a participar de um Círculo de Mulheres que se propunha a ler e vivenciar o livro “Mulheres que correm com os lobos”, da psicóloga arquetípica Clarissa Pinkola Estés. Desde aquele momento, já notava que havia algo de sociológico naquela movimentação em torno do feminino, a saber: a retomada de um feminino natural e sagrado. Ao final de 2018, resolvi transformar aquela inquietação pessoal em objeto de



pesquisa, submetendo ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, o projeto “Da mulher à deusa: o Sagrado Feminino como produtor de novas subjetividades”.

Minha inserção nos círculos se deu a partir de indicação. Minha estratégia se pautou em mobilizar uma rede de contatos prévios para assim poder acessar novos contatos. Foi assim que durante o período de 2019-2020, acompanhei seis círculos de modo sistemático, em Fortaleza-Ceará, além de participar de outros eventos, imersões e cursos relacionados à temática.

Oliveira (1996) aponta que o ofício do antropólogo é composto por três momentos, dois deles no campo- olhando e escutando- e um terceiro fora do campo, ao escrever sobre as experiências vivenciadas. Em campo, não era possível tomar notas, uma vez que era inviável estar com um caderninho e uma caneta no meio de uma reunião de mulheres, quando estas estavam partilhando sobre suas vidas ou envoltas em rituais de dança, canto e meditações. As rodas aconteciam, no geral, à noite e meu retorno para casa se dava já tarde, depois das vinte e duas horas. Dessa forma, tomava nota durante meu retorno para casa, anotando em um bloco de notas do celular pontos marcantes do encontro. Indicava assim os principais temas tratados e os momentos chaves da sessão. Somente ao chegar em casa, conseguia esboçar algumas linhas mais elaboradas e no dia seguinte escrevia, de fato, o relato do diário de campo.

Compartilho do que Oliveira (1996) fala sobre a memória como o mais rico elemento na produção de um texto. Ao escrever o diário de campo no dia seguinte à roda, era à memória que eu me agarrava para preencher as páginas.

Eu me coloquei em campo como um aprendiz, mais calada que falante, mais tímida do que extrovertida. Observei, escutei, aprendi técnicas para aliviar as cólicas, como preparar chás, quais ervas utilizar, dentre outros saberes e práticas compartilhadas nesses espaços. Dessa forma, me alinho a uma noção de Antropologia como uma prática que surge do encontro e da interseção entre pontos de vista. Não se trata apenas do ponto de vista do observador ou do observado, mas um posto de vista amplo, que nasce da intersecção de olhares.

O trabalho então foi feito a partir do encontro (não etnográfico), mas de um encontro entre pessoas, na interseção de pontos de vista (Laplantine, 2012), considerando que o trabalho antropológico existe para além da etnografia e que se efetiva na observação do outro e da



participação com o outro, possibilitando a aprendizagem (Ingold, 2015, 2016) de novas formas de existir e compreender o mundo.

#### 4. RELIGIÃO E MODERNIDADE

Durante as décadas de 1960 e 1970, a Sociologia da Religião começou a revisar sua tradição a partir do desenvolvimento de pesquisas sobre modernidade religiosa, experiências individuais e instituições. O processo de secularização, pensado até então de modo linear e sem recuos, refletindo o avanço do processo de racionalização e burocratização do mundo passou a promover uma desregulação das religiões institucionalizadas, dando espaço para o aparecimento e expansão de novas formas de se relacionar com o sagrado, a partir do que Hervieu-Leger (2015) chama de religiosidade flutuante.

Dessa forma, as pesquisas sobre religião foram reorientadas, tomando então o caminho não de um apagamento da religião, mas da expansão da dimensão do sagrado, que passou a ser vivenciado fora das grandes instituições, em novos arranjos que se manifestam de modo capilarizado passando a ser nomeados de vários modos, como “religiões à la carte”, “crenças relativas”, “religiosidade vagante” flutuante (HERVIEU-LEGER, 2015).

Para Guerriero (2006), surgem na modernidade os chamados Novos Movimentos Religiosos, que representam uma forma racionalizada de adaptação à secularização. É justamente o mundo secularizado que permite a explosão de inúmeras expressões religiosas que se combinam e se recombina a depender das necessidades particulares dos sujeitos, “[...] secularização e encantamento do mundo não são processos excludentes, mas características próprias do atual estágio de desenvolvimento da sociedade brasileira” (GUERREIRO, p. 48, 2006).

Para Negrão (2008), o processo de formação do campo religioso nacional foi se conformando de modo a dar brechas para práticas religiosas diversas. Seja por um catolicismo que deixou boa parte do país esvaziado de sacerdotes, abrindo espaço para saberes populares, seja pela presença africana e indígena e suas estratégias de resistência ao misturarem suas crenças à religião



nacional, ocorreu uma configuração religiosa pré-disposta a adotar uma variedade de crenças pessoais.

Negrão (2008) aponta ainda que a religiosidade brasileira é marcada por um crescente pluralismo e pela progressiva adesão a duplicidades ou multiplicidades religiosas, deixando claro a importância dada ao sujeito, que pode compor e recompor sua experiência religiosa por diversos pertencimentos sejam eles concomitantes ou sucessivos. Cada vez mais, pode-se experimentar o sagrado de modo particular, aderindo a múltiplas crenças, fazendo um trabalho artesanal de escolha e composição de crenças e experiências sagradas.

Entendemos os círculos de mulheres a partir dessa perspectiva de um sagrado difuso e plural, que vai se conformando a partir das trajetórias individuais de busca por experiências transcendentais, mas que não vincula os crentes a uma instituição, deixando-os livres para comporem seu próprio caminho. É comum, nos círculos, que as participantes se identifiquem como “buscadoras”, indicando uma sensibilidade religiosa em movimento.

## 5. RELIGIOSIDADES PLURAIS NO CONTEXTO BRASILEIRO

Maluf (2003) aponta que o processo de industrialização nacional produziu um reforço no religioso que passou a se adequar ao contexto urbano, se revestindo de novas cores. Para a autora, o fenômeno religioso contemporâneo assume, no país, algumas especificidades devido a nossa formação sócio-histórica. A paisagem neo-espiritual no Brasil estaria mediada então por um substrato cultural em que se destacam três elementos: a) o ecletismo e a circularidade religiosa, b) uma confluência entre o terapêutico e o religioso e c) a informalidade das práticas terapêuticas.

A partir da pesquisa sobre o circuito neo-esotérico na cidade de Porto Alegre, Maluf defende a emergência de um campo de intersecção entre diferentes espiritualidades e práticas terapêuticas alternativas, nos segmentos das classes médias urbanas no sul do país.

O ecletismo religioso se relaciona à tradição de uma vivência religiosa plural em que há uma intensa circularidade religiosa, sendo possível ter vivências religiosas nos mais diversos espaços



e instituições. Maluf cita o estudo de Mauês sobre a implementação do Catolicismo no Pará e como este se misturou aos rituais e práticas da Pajelança Cabocla, nos segmentos rurais.

Maluf (2003) também aponta que diversos estudos sobre religião indicam a dimensão da cura (ou a busca pela cura) como um fator de conversão religiosa, além de ser comum que em diferentes cosmologias e rituais seja apontando a causa de uma determinada doença e a forma de tratá-la. Todos esses aspectos refletem a aproximação entre os campos da religião e da terapêutica.

O terceiro ponto de destaque para Maluf, em se tratando da formação do campo religioso brasileiro e da boa adesão que as práticas new ages encontraram no país, é a informalidade das práticas terapêuticas. No país, é comum o uso de remédios caseiros, à base de insumos naturais (ervas, folhas, cascas) como chás e lambedor, sendo também recorrente as práticas de automedicação e de saberes populares que circulam, de modo a incorporar saberes médicos.

Guardada a distância geográfica entre Porto Alegre e Fortaleza, acreditamos que a proposta de Maluf nos ajuda a compreender a movimentação em torno de um feminino sagrado, encontrada em Fortaleza.

## **6. NAS RODAS A GIRAR: OS CÍRCULOS DE MULHERES EM FORTALEZA-CEARÁ**

Entre os anos de 2019 e 2020, acompanhei seis círculos de mulheres que se reuniam em Fortaleza-Ceará. Trago alguns registros a partir das minhas anotações de diário de campo sobre a roda aqui chamada de Caminhantes. Optamos por ocultar o nome real do círculo, de modo a garantir o anonimato das participantes.

Essa roda era formada pela facilitadora e quatro participantes, além de mim que desde o início me identifiquei como pesquisadora. Em relação à facilitadora, essa tinha em torno de seus trinta anos, tendo curso superior na área das Artes, mas atuando como Terapeuta Integrativa já há alguns anos. A mesma estava em um casamento heterossexual e tinha um filho. As outras mulheres também estavam na casa dos trinta anos e eram também casadas (relações heterossexuais) e mães (apenas uma delas não tinha filhos). As quatro mulheres tinham ensino superior completo e trabalhavam em empresas privadas em diferentes áreas: administrativa, recursos humanos, saúde



e docência. Essa roda se reunia em uma sala de um espaço holístico localizado em um bairro de classe média da cidade. Ao longo de um ano fui a cinco sessões dessa roda, sendo cobrado por cada encontro o valor de cinquenta reais.

No dia 13 de setembro de 2019, a sessão foi dedicada ao tema da menstruação e autocuidado. Fui ao espaço onde acontecia a roda de Uber. Chegando lá, aguardei junto a mais duas mulheres pela facilitadora, logo em seguida, outras duas mulheres chegaram. Conversamos um pouco e na sequência a facilitadora veio nos encaminhar para a sala onde se reuniria o círculo.

Ao centro da sala havia uma toalha em formato circular disposta no chão e sobre ela uma bacia de louça com água e algumas pétalas vermelhas. Também havia sobre a toalha uma maçã e uma taça com suco de uva. Pela sala, haviam acendido algumas velas o que tonava o lugar levemente iluminado. Além disso, num dos lados da sala, havia pequenas bacias com ervas (artemísia e alfavaca) e duas cadeiras brancas, uma ao lado da outra, e aos pés das cadeiras bacias com água para um escalda-pés, a base de camomila e cristais de ametista.

A facilitadora começou o encontro por um benzimento com um maço de incenso artesanal que depois passou para cada uma de nós para que fossemos benzendo umas às outras. Ela nos indicava que deveríamos mentalizar “limpeza e purificação” ao realizar movimentos circulares sobre o corpo de quem estava sendo benzida, indicando com esse movimento uma limpeza das más energias. O encontro seguiu com as técnicas de escalda-pés (prática tradicional de cuidado, conhecida, sobretudo, nas zonas rurais do país) e vaporização do útero, quando nos acoramos por dez minutos sobre as bacias com artemísia e alfavaca (acrescentou-se água quente de modo a fazer uma infusão), abafando nosso ventre e pernas com uma manta, de modo que o vapor da infusão subisse pelo canal vaginal, purificando-o.

Anteriormente, em 08 de agosto de 2019, o encontro desse círculo também havia girado em torno da menstruação, mas em interface com a noção de ancestralidade. Nesse momento, numa sessão mais dialogada e menos vivencial, a facilitadora nos contou sobre como as mulheres, no passado, eram reverenciadas e honradas. O discurso da facilitadora trazia a noção de que as sociedades antigas não vinculavam a gravidez ao sexo, sendo a capacidade de criar vida associada



apenas às mulheres que assim como a Mãe-Natureza também podia florescer e dar frutos. Esse poder criador colocava o feminino em um lugar de protagonismo.

As mulheres também costumavam se reunir em tendas vermelhas para partilharem seus saberes nos momentos de sangramento mensal. Era nesse momento conjunto de grande abertura espiritual que as mulheres recebiam mensagens do mundo espiritual que orientavam as tomadas de decisões da comunidade. Nesse contexto mítico, a proximidade com a natureza- menstruação- não apartava as mulheres das grandes decisões, pelo contrário, era por meio desse canal com a transcendência que as mulheres poderiam receber as mensagens para conduzir a comunidade.

Contudo, com o progressivo controle dos homens sobre as mulheres houve uma transformação na perspectiva em relação ao sangue menstrual. Se antes a menstruação estava associada ao milagre da vida e à conexão com o sagrado, posteriormente passou a ser considerada como algo sujo, impuro e vergonhoso. Essa mudança de perspectiva provocou nas mulheres uma desconexão com seu próprio corpo.

A facilitadora seguiu falando dos arquétipos lunares, associação comum nas rodas de mulheres entre o ciclo menstrual e as fases da lua. A lua nova corresponderia a fase da anciã, momento da descida do sangue, quando o corpo pede por descanso e os canais com a espiritualidade ficam abertos. É nesse período em que se começa a pensar sobre os projetos pessoais a serem trabalhados durante o ciclo. A lua crescente estaria relacionada ao arquétipo da menina, momento de grande ânimo, desenvoltura e dinamismo físico e psíquico. Já a lua cheia é pensada como o momento de maior energia do ciclo, ligada ao período fértil quando há uma intensificação da libido e quando os projetos mensais dão resultados. A essa lua atribui-se o arquétipo da mãe. A fase minguante, por sua vez, é associada ao arquétipo da feiticeira, ligada ao que comumente se conhece por TPM (Tensão Pré-Menstrual), momento de revisão do ciclo que se encerra e quando se inicia a “entrada na caverna” para o sangramento que se aproxima. Essa experiência menstrual circular é associada a uma noção temporal e ontológica mais ampla que é a da “vida-morte-vida”.

O encontro foi finalizado com a apresentação de alguns recursos associados à menstruação, como a Mandala Lunar para o acompanhamento diário do ciclo menstrual no que



toca as mudanças físicas e emocionais do período e também o coletor menstrual e o absorvente ecológico, opções ecologicamente viáveis em substituição aos absorventes comumente encontrados em farmácias e supermercados.

## 7. UM FEMININO SAGRADO E CÍCLICO

A partir da perspectiva de uma Espiritualidade Feminina, recupera-se, nas rodas, a noção de uma natureza sagrada, associada à imagem de uma mãe-nutridora, entidade capaz de gerar e nutrir a vida. Essa associação entre mulher, natureza e mãe-nutridora é comum em diversas tradições e culturas, como no caso das sociedades matrifocais da Antiga Europa, em que a força da natureza-feminina era reconhecida e honrada. As menções a essas sociedades são com frequência acionadas nos círculos como forma de elaboração discursiva sobre um feminino poderoso que precisa –e pode- ser resgatado.

Nomes como Eisler e Gimbutas são comumente citados como referências de estudos que resgatam e revisam as narrativas sobre o feminino. Essas pesquisadoras vêm compondo o debate em torno da disputa pelas interpretações de achados arqueológicos das regiões da Antiga Europa, Oriente Médio e Próximo.

Eisler (2007) aponta que os achados das estatuetas de Vênus, as Vênus esteatopígeas, encontradas na Europa pré-histórica, estão imersas numa disputa interpretativa. A princípio, esses artefatos eram interpretados como uma manifestação do desejo masculino, invisibilizando a simbologia feminina que associava as mulheres ao mistério sagrado do nascimento e da morte. Só posteriormente, com os achados de Leori-Gouchar, é que se incorporou o sentido de uma arte Paleolítica que já registrava uma incipiente religião centrada no feminino.

Essa mãe natureza que gera a vida também pode se manifestar de modo assustador e agressivo, mostrando sua outra face, ligada ao processo de morte. Essa característica é incorporada na experiência dessas mulheres como o sangramento menstrual, fase da anciã, um momento de morte simbólica, em que o sangue carrega “o que precisa morrer” e onde se experiencia um tempo de introspecção e reflexão.



A ideia de uma natureza feminina que pode se mostrar como boa e má também anima as elaborações sobre o feminino sagrado contemporâneo ao possibilitar imagens ambivalentes encarnados em um mesmo ser, diferente do imaginário cristão católico que cinde o feminino entre Maria (a santa) e Eva (a pecadora). O feminino sagrado é, portanto, um feminino que mobiliza as referências contraditórias e as sintetiza, criando uma reserva de imagens simbólicas que possibilitam uma maior identificação para as mulheres contemporâneas.

Merchant (1989) aponta que há uma longa história da associação do feminino à natureza e analisa como essas imagens se transformaram ao longo dos séculos. Se por um lado, a natureza-feminina estava ligada à figura de uma mãe benevolente e nutridora, símbolo de fertilidade, por outro, essa mesma natureza-feminina poderia mostrar sua força destruidora e caótica, por meio de terremotos, maremotos e pragas. Esse feminino terrível foi associado, na Europa, à figura da bruxa, aquela que pode manipular as forças naturais. Essas visões foram incorporadas à modernidade de diferentes formas. A natureza benevolente foi realocada socialmente, de modo romântico, como espaço de descanso que se opõe à vida urbana e a natureza caótica foi controlada pela técnica da revolução científica.

Nos círculos, há uma resignificação dessa face terrível do feminino. Em vez de ser repudiado e negado, ele é incorporado à experiência feminina, sendo valorizado. O feminino é pensado então como uma experiência múltipla que conecta várias expressões, inspirado pela imagem da Deusa Tríplice: donzela, mãe e anciã que é corporificada e atualizada no ciclo menstrual.

Nos círculos, a noção de feminino está intimamente ligada a uma outra organização temporal e ontológica que é a da ciclicidade. Essa noção de um tempo cíclico expresso nas fases da lua e nas estações do ano é narrada como uma outra forma de existência onde é possível vivenciar – seja emocionalmente ou fisicamente- tanto os momentos de grande energia e vitalidade como aqueles de recolhimento e cansaço. Assim como a lua que ao longo de vinte e oito dias “nasce e morre”, ou seja, se mostra e se esconde, assim também a experiência feminina estaria ligada a um modo de existir pautado em momentos de extroversão e recolhimento, ou como é comum escutar nos círculos, momentos de “vida-morte-vida”. É a partir dessa lógica circular que a menstruação é resignificada, sendo acolhida e integrada à experiência das participantes em vez de renegada.



A menstruação também é elaborada discursivamente como expressão da fertilidade, não apenas em termos de capacidade reprodutiva, mas também associada à capacidade criativa de elaborar novos planos e projetos pessoais. Nesse sentido, a menstruação assume o princípio sagrado da concepção, qual seja, a capacidade de criar, nutrir e dar à luz. Se resgata e ao mesmo tempo se atualiza, nos círculos, o modelo cósmico de que fala Eliade: “[...] A sacralidade da mulher depende da santidade da Terra. A fecundidade feminina tem um modelo cósmico: o da Terra Mater, da mãe universal” (ELIADE, p. 121, 2018).

Para Morales (2016), encontra-se nos círculos um discurso espiritual que é encarnado no corpo, ou seja, uma noção de sacralidade que é experienciada na própria carne. Para a pesquisadora, mais do que sujeitadas aos imperativos dos ciclos menstruais, essas mulheres reconstróem uma experiência corporal de modo que essa possibilite uma aproximação com o sagrado.

Nos círculos, o feminino é compreendido como natural, pois assim como a terra também é capaz de criar, nutrir e parir vida, seja ela biológica ou simbólica. Como a natureza, o feminino é também cíclico, encarnando um tempo cósmico que é circular e que integra os momentos de vida-morte-vida e é também sagrado, ao resgatar o valor da criação da vida como algo mágico, misterioso e poderoso. São essas noções que informam sobre todo o ciclo menstrual que é reconstruído em termos arquetípicos, baseados nas fases lunares.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Entendemos os Círculos de Mulheres como uma vertente da Espiritualidade Feminina, expressando uma forma de religiosidade fluida, em que o indivíduo tem protagonismo, sendo ele o “fazedor” do seu caminho espiritual.

Entendemos que essa forma de espiritualidade só possível no contexto da modernidade, quando se dá um processo de desinstitucionalização do sagrado e o sujeito ganha mais liberdade para reorganizar os elementos religiosos. Diferente do que se pensava até a década de 1960, a modernidade não dissolveu a religião, mas a pulverizou, dando brechas para um emaranhado de



crenças e práticas, sendo crescente, no Brasil, o pluralismo religioso e as duplas ou múltiplas pertencas religiosas. Tudo isso tornou a experiência religiosa algo altamente particularizado, sendo possível expressões como os Círculos de Mulheres, que resgatam referências de culturas pré-históricas em que o feminino era considerado poderoso por estar ligado a uma natureza nutridora e geradora de vida e mistura esses símbolos a outras práticas- como o benzimento, o escalda-pés e a vaporização do útero, no intuito de promover uma reconexão das participantes com seu poder pessoal.

Os círculos congregam, então, mulheres que estão engajadas em uma cura do feminino, podendo ser essa cura física, emocional ou espiritual, sendo alcançada por meio de mediações que podem se apresentar como técnicas e práticas de autoconhecimento e autocuidado, a serem dispostas a partir de trajetórias individuais. A identidade de “buscadora” reflete bem esse trajeto individual em que a experiência religiosa vai sendo compondido em movimento e de modo particular, sendo possível a criação de um mosaico de referências e crenças quanto ao sagrado, perpassando também as dimensões já citadas do autoconhecimento e do autocuidado.

Essa espiritualidade é, portanto, expressa como uma forma de autoconhecimento e autocuidado, articulando a noção de cura (física, emocional, espiritual) com o resgate de práticas de cuidado naturais (chás, escalda-pés, benzimento) e práticas místico-esotéricas (cristais, meditações, leitura de chacras, oráculos). Dessa forma, situamos esses Círculos como práticas identificadas com os chamados Novos Movimentos Religiosos, retratos de um tempo em que as grandes certezas enraizadas nas instituições religiosas se dispersaram, cabendo ao indivíduo erguer seus próprios templos que assumem formas com contornos suaves, encontrando o sagrado em fluxo, numa caminhada.

Nos círculos, se aproxima o feminino da natureza, uma vez que que assim como o mundo natural (fases da lua, estações do ano) as mulheres também experienciarão uma existência cíclica em que os momentos de vida-morte-vida são integrados. Esse modo de existência é materializado no sangramento menstrual, momento de morte simbólica. Por essas associações, a própria menstruação passa a ser sagrada, devendo ser acolhida e honrada, o que representa uma mudança



na percepção desse fenômeno que, normalmente, na nossa experiência cultural, é associado a dores, mal-estar e vergonha.

Essa associação entre feminino e natureza não é recente ou exclusiva dos movimentos neo-pagãos. Determinadas vertentes do feminismo, como o ecofeminismo, já apontaram essa proximidade sob o argumento de uma necessidade de recuperação de uma ética de cuidado integral com a Terra e com as mulheres. Nesse sentido, também apontamos que algumas práticas encontradas nos círculos, como a indicação de absorventes ecológicos, ou seja, os antigos “paninhos” comuns nas zonas rurais, se aproximam do discurso ecofeminista de cuidado com a Terra.

Essas mulheres também resgatam histórias de um feminino mítico e grandioso que por seu poder de gerar vida (ou retirar vida) era adorado e reconhecido. As sociedades matrifocais do paleolítico e neolítico são uma grande inspiração de um feminino poderoso que precisa ser retomado, de modo a transformar as relações entre as próprias mulheres, possibilitando a criação de imagens femininas que sirvam de referência. A Mãe Natureza e a Natureza terrível poderiam ser associadas a outros dois símbolos femininos, Maria e Eva, contudo, diferente da tradição judaico – cristã, essas duas faces do feminino não são separadas, mas sim unidas, tornando possíveis às mulheres contemporâneas a aprendizagem de um feminino ligado à expressão de docilidade, mas também de raiva. Essa possibilidade de integrar humores e sentires se configura como algo novo para as mulheres participantes das rodas. Aqui, retomamos a ideia de Morales (2015) que entende que os círculos têm uma função de ressocialização e promoção de aprendizagem e empoderamento, uma vez que nesses espaços se reaprende de um modo positivo a lidar com diferentes emoções, além de valorizarem e ressignificarem a experiência da menstruação, da tensão pré-menstrual, dentre outras que marcam a vida das mulheres cisgêneros.

Entendemos, ainda, que essa produção de um feminino poderoso, natural e cíclico é perpassado por um forte recorte de raça, identidade de gênero, classe, território e religião. Nesses espaços, tanto no círculo aqui apresentado como nos outros círculos que acompanhamos, as participantes eram, sobretudo, mulheres brancas, cisgêneros e pertencentes a camadas médias



urbanas. A partir das entrevistas realizadas também foi possível identificar que antes de participarem dos círculos essas mulheres já haviam tido outras experiências religiosas, com duplos ou múltiplos pertencimentos. Esse perfil das participantes já suscita, dentro dos próprios círculos e nas redes sociais digitais, incômodos devido, sobretudo, a fraca presença de mulheres negras e a questão de pessoas transexuais. Alguns grupos já começaram a adotar outros modos de classificar, descolando a ideia da menstruação às mulheres, numa tentativa de incluir homens trans que menstruam, contudo, no geral, permanece a associação entre menstruação-mulheres-feminino.

Por fim, compreendemos que os Círculos de Mulheres são uma expressão de um modo moderno de vivenciar a espiritualidade, em que os indivíduos podem compor suas próprias identidades e trajetórias religiosas sem a necessidade de uma vinculação institucional. Nesses espaços, marcados pelas questões postas nos parágrafos anterior, se recupera a noção de um feminino sagrado e poderoso, reelaborando tanto a noção de natureza como de feminino. Para as mulheres participantes das rodas, o feminino contemporâneo precisa ser curado, sendo essa cura mediada por processos de autoconhecimento e autocuidado. A reaproximação do feminino com a natureza possibilita para essas mulheres esse movimento curativo e transformador, uma vez que resgata a valorização da capacidade criativa e nutridora da terra e das próprias mulheres.

## REFERÊNCIAS

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

EISLER, Riane. *O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

FAUR, Mirella. *Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina*. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.

HERVIEU-LÉGER, D. *O peregrino e convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2015.

GRAY, Miranda. *Lua vermelha: as energias criativas do ciclo menstrual como fonte de empoderamento sexual, espiritual e emocional*. São Paulo: Editora Pensamento, 2017.

GUERRIEIRO, S. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.



INGOLD, T. *Conociendo desde dentro: reconfigurando las relaciones entre la antropología y la etnografía*. In: *Etnografías Contemporáneas 2 (2)*, pp. 218-230, 2015.

INGOLD, T. *Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia*. In: *Educação*. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.

LAPLATINE, F. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MALUF, S.W. *Os filhos de aquário no país dos terreiros: novas vivências espirituais no sul do Brasil*. In: *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p.153-171, 2003.

MERCHANT, C. *The death of nature: women, ecology and the scientific revolution*. San Francisco: Haper and Row, 1989.

MORALES, RAMIRES M. *Del tabú a la sacralidad: la menstruación en la era del Sagrado Femenino*. In: *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 18, n. 24, p. 134-152 jan-jul. 2016.

NEGRÃO, L. *Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo*. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, 2008.

OLIVEIRA, R.C. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 39, nº1, 1996.



## **SOBRE A AUTORIA**

### **Raquel Guimarães MESQUITA**

Pesquisadora formada em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura), pela Universidade Federal do Ceará, com experiência nas áreas de Sociologia, Antropologia, Relações de Gênero, Literatura e Religião. Desde a monografia (2011), vem investigando questões ligadas ao feminino, construindo debates em torno da literatura de autoria feminina (sobretudo, em relação aos romances de Lygia Fagundes Telles), circulação e recepção de textos na Internet (no que toca à produção de Martha Medeiros), e por último, no doutorado, discutindo novas formas de espiritualidade a partir do que vem sendo chamado de Sagrado Feminino. Em paralelo à atuação acadêmica, também tem experiência na área educacional (educação museal, educação



do campo, educação profissional e formação continuada) tanto na docência, como na tutoria, na gestão escolar, na produção de material didático e na orientação de trabalhos acadêmicos.

### **Antônio Cristian Saraiva PAIVA**

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1994), com formação psicanalítica. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2004). Pós-Doutorado em Sociologie et Anthropologie, na Université de Strasbourg, France, sob supervisão de David le Breton, tendo também desenvolvido atividades na Université Paris-Diderot (Paris 7) e na École des Hautes Études en Sciences Sociales (2013-2014), contando com a concessão de Bolsa Estágio Sênior – CAPES. É pesquisador de Produtividade em Pesquisa (PQ 2-CNPq), Docente Associado 3 do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC e coordenador do Curso de Ciências Sociais da UFC (Bacharelado e Licenciatura Período Noturno). Professor do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (Prof socio). Coordenou o Doutorado Interinstitucional (DINTER) em Sociologia com a Universidade Federal do Amapá (2013-2017). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Família, das Relações de Gênero e da Sexualidade; pesquisa sobre as temáticas: subjetividade e experiência social, relação saúde e sociedade e etnografia dos saberes psi (privilegiando o diálogo com a psicanálise), Michel Foucault, políticas sexuais contemporâneas, homossexualidade e homoconjugalidade. Atualmente pesquisa sobre temporalidade, memória e implicações subjetivas na doença de Alzheimer. Coordena o Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS), laboratório vinculado à linha de Pesquisa: Diversidades culturais, estudos de gênero e processos identitários, do PPG em Sociologia da UFC. É líder do Grupo de Pesquisa Psicanálise & Ciências Sociais, cadastrado no DGP/CNPq.

*Submissão: 30 de setembro de 2021*

*Avaliações concluídas: 03 de outubro de 2023*

*Aprovação: 15 de novembro de 2023*

### **COMO CITAR ESTE ARTIGO?**

MESQUITA, Raquel Guimarães; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. Os Círculos de Mulheres: reelaborando um feminino natural, sagrado e cíclico. Revista *Temporis(ação)*: periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 23, N. 02, p. 20, jul./dez., 2023.

Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>

Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >